



Passarinho com Cabral: mesmo sem o convite formal, mais perto da Liderança do Governo

153

Na reunião, busca de espaço político

A. C. SCARTEZINI

Ao procurar o senador Jairzinho Passarinho (PDS-PA), o ministro da Justiça, Bernardo Cabral, alcançou pelo menos três efeitos imediatos: criou um fato novo para preencher o noticiário em torno do entendimento entre patrões e empregados; exerceu a sua função de coordenador político do governo; e deu mais um passo para atrair o senador ao serviço do governo.

"Não tem nada desse negócio de liderança", desabafou Cabral ao retirar-se da sala do senador para afirmar que não estava ali com o convite a Passarinho para líder do governo no Senado. Realmente, ainda não era o momento, mas o ministro dava mais um passo num roteiro que deve chegar ao convite pelo presidente Collor depois das eleições.

Ao mesmo tempo, Cabral dava presença na coordenação política do governo, da qual estava ausente em relação a Passarinho há quase duas semanas, desde que o Congresso decidiu manter o veto de Collor ao projeto da nova lei salarial. Faltaram quatro vo-

tos de senadores para que o voto caísse também entre eles (como caiu na Câmara). Nessa decisão do Senado, Collor considerou fundamental um discurso de Passarinho, feito momentos antes da votação pelos senadores, em defesa do voto. Naquela noite, o Planalto procurou insistenteamente o senador pelo telefone em sua sala no senado.

Mas Passarinho continuava no plenário do Congresso, onde outras deliberações estavam em andamento depois do voto. Apenas por volta da meia-noite, ao retornar à sua sala, soube que o Planalto insistia em procurá-lo por intermédio do chefe do Gabinete Militar, general Agenor de Carvalho, que, afinal, o cumprimentou pelo seu discurso decisivo.

No entanto, o general não disse falar em nome de Collor, além de não ser o canal adequado para contato com políticos, por ser do Gabinete Militar. Se houvesse alguma conotação política, o contato ocorreria por intermédio do ministro da Justiça, conclui Passarinho que procurou esconder dos amigos a conversa telefônica até que ela vazou pelo lado do Go-

verno. Ainda na semana passada, Passarinho declarava a jornalistas em Belém que não poderia dizer se seria ou não líder do governo, pois não havia nada concreto.

Agora, às vésperas de uma nova reunião, amanhã, para discutir o entendimento com patrões e empregados, Cabral percorre esse caminho político.

"Eu não quero que vocês especulem sobre a liderança", pediu o ministro aos repórteres. "Por isso eu lhes digo que ainda não tratamos da liderança", deixou registrado nos gravadores. Afinal, não teria sentido Cabral conversar ontem com Passarinho sobre a liderança diante do senador Lourival Baptista (PFL-SE), que se meteu entre eles para ouvir a conversa.

Mas a liderança é uma questão que o Planalto pretende encarar depois das eleições, dentro de um novo cenário político que surgirá com a renovação dos governos estaduais, da Câmara dos Deputados e do Senado. Nesse novo cenário, Collor deve armar o seu tabuleiro político para os quatro anos de governo que ainda terá pela frente.